

HERNANDEZ, Antonio. O simbolismo do 'Guarani', uma comemoração.  
 O Globo, Rio de Janeiro, 12 mar. 1986.

# O simbolismo do 'Guarani', uma comemoração

— Já fiz "Salvador Rosa" e "Lo shiavo". Do "Guarani", apenas tinha lido o romance de Alencar e jamais tive sequer a oportunidade de ver a ópera — diz Gianni Ratto, principal responsável pela produção programada para hoje, e que permanecerá em cartaz no Teatro Municipal, diariamente, em seis récitas, até dia 17, dois elencos de vozes nacionais alternando-se nas responsabilidades dos papéis principais, sob a regência de Roberto Ricardo Duarte.

Essa nova produção do "Guarani" inaugura a temporada lírica e o Ano Carlos Gomes, decretado pela Presidência da República, por ocasião do sesquicentenário de nascimento do compositor.

Obra de arte aplaudida também por seus conteúdos simbólicos, no que diz respeito à formação da nacionalidade, "O guarani" é um momento e um aspecto do Brasil cantado em italiano e é na história da linguagem musical italiana que têm origem e significação os seus valores composicionais. Os procedimen-

tos harmônicos estão estreitamente ligados aos hábitos verdianos. E foi o próprio Verdi o primeiro crítico importante a consagrar a grande ópera e a dimensão do gênio musical brasileiro, que tinha 34 anos de idade, quando "O Guarani" foi aplaudido pela primeira vez, em Milão:

— Este jovem começa no ponto em que eu termino. ("Questo giovane comincia da dove finisco io"). — Verdi tinha 63 anos.

Aqueles procedimentos harmônicos deixam a boiar contornos melódicos em geral facilmente identificáveis como elementos do universo poético e dramático verdiano, mas há também, no "Guarani", coincidências com engrenagens da criação musical francesa da época, marcada pelo gigantismo das ondas wagnerianas que inundavam já toda a Europa. Mais do que influências, essas coincidências são manifestações de uma individualidade de valor excepcional, no campo. Assim o reconhece Gianni Ratto, que enfrentou a responsabilidade, as-

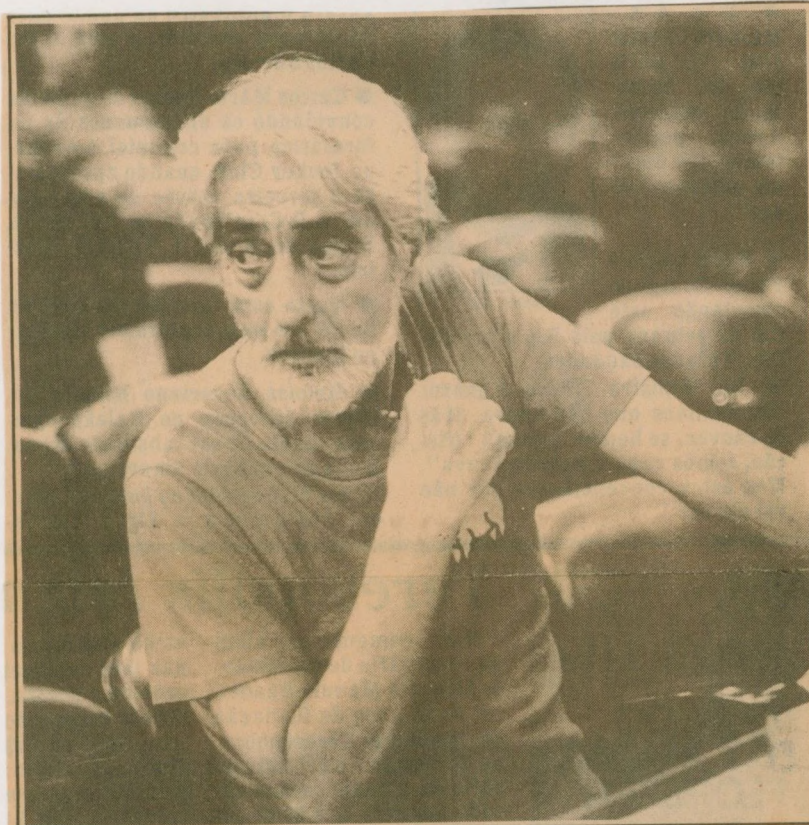
sumida em dezembro, apenas "com muita cautela", como declarou.

Prudência facilmente explicável:

— O propósito principal desta produção é celebrativo. Com "O guarani", comemoramos 150 anos de nascimento do compositor de uma ópera cujas principais colunas de sustentação são os valores musicais.

Por isso, a concepção do artista Gianni Ratto, nascido justamente em Milão, aproximadamente meio século depois dos primeiros sucessos do "Guarani" no Scala, é de extremo respeito aos valores fundamentais da ópera e de muito amor à generosidade da história e dos seus ingredientes: os ideais de liberdade, as paixões, a nobreza, o sacrifício, as traições, o mau caráter dos aventureiros. Afirma Ratto:

— Nada há de escandaloso nesta produção — ao contrário do que circula nos boatos. Nem sequer nos episódios dos baillados: "Ninguém estará completamente nu no palco. Apenas, haverá a representação convencional de um grupo social que usava poucas roupas.



Gianni Ratto abordou com o máximo respeito a partitura da nova encenação do 'Guarani'

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE010030



Cena do terceiro ato da ópera "O Guarani", de Carlos Gomes, em nova produção da Funarj, com Leila Guimarães, no papel de Ceci

#### SINOPSE

A ação se passa nas proximidades do Rio de Janeiro, no século XVI. Gonzáles e D. Alvaro amam Cecília, filha de Don Antonio e quase vítima dos Aimorés, dos quais é salva por Peri, índio guarani. D. Antonio concede a mão da filha a D. Alvaro. Durante a Ave Maria, Peri descobre a conspiração de González, Alonso e Rui. Decide vigiar e desmascarar os aventureiros (canta "Santo una forza indomita"), apesar dos temores de Ceci, que quase confessa seu amor pelo índio.

No segundo ato, na Gruta do Selvagem, Peri canta a liberdade e a nobreza do seu povo, afirma sua própria nobreza e seu amor por Ceci, causa da sua renúncia às glórias: o feroz jaguar transformara-se em escravo. Ouve González prometer parte das minas de prata em pagamento pela ajuda no sequestro de Ceci. Desarmados por Peri, os aventureiros fogem e González salva sua vida prometendo abandonar a região para sempre. No quadro seguinte, rearmar-se a conspiração e Gonzáles louva a vida de aventuras, a busca destemida de fortuna e prazer ("Senza tetto, senza cuna"). No terceiro quadro, o índio salva mais uma vez Ceci, que cantava ("C'era una volta un príncipe") quando foi surpreendida por González. No terceiro ato há violentos combates na taba dos Aimorés e Ceci e Peri caem prisioneiros. O Cacique, porém, decide fazer de Ceci a rainha de seu povo e sacrificar Peri. Acontece então o ballet. Chegam Don Antonio e suas forças e, morto o cacique, a tribo foge. No final, D. Antonio, vendo-se traído e sem recursos, decide explodir sua fortaleza e acaba confiando a sua filha, Ceci, ao Guarani, depois de batizar o índio. Os dois conseguem fugir antes da explosão e da chegada dos aventureiros.

HERNANDEZ, Antonio. O simbolismo do 'Guarani', uma comemoração: os insetos e uma imensa borboleta. O Globo, Rio de Janeiro, 12 mar. 1986.

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE010031

## Os insetos e uma imensa borboleta

— Com o coro — comenta o diretor teatral — estou conseguindo realizar movimentos mais ousados, que não teriam sido possíveis em outras épocas. Hoje, o conjunto é disciplinado e maleável. Tem mais recursos e deixa a direção mais tranqüila, no que concerne à correspondência da ação propriamente dita com o texto e, sobretudo, com a música.

Os sete quadros elaborados “com muita sensibilidade” pela Central de Inhaúma, cujos técnicos ainda estarão erguendo construções, minutos antes das 9 da noite de hoje, incluem apresentações especiais de moldura do palco e do pano de boca. Será mais uma espécie de boca do mato a envolver o centro dos acontecimentos atrás de uma cortina decorada com a projeção agigantada de insetos e de microorganismos da selva, uma bela, monumental borboleta dominando o espaço disponível, enquanto o público ouve a primeira audição no Brasil do Prelúdio original da ópera, que Carlos Gomes compôs para a estréia, em 1870. Trata-se de uma página breve, a ser instalada como ponte entre a Profonia e o “Coro dos Caçadores”. Esse Prelúdio, que Duarte e Barbato (os regentes da curta temporada dedicada a Carlos Gomes) encontraram esquecido na Biblioteca Nacional, apresenta contornos melódicos do material temático utilizado nas atuações de “Peri”, do “Cacique” e do ballado do terceiro ato.

Para o primeiro ato, Gianni Ratto — que, em matéria de figurinos, utilizou material do acervo da Funarj, original de Luís Carlos Ripper — idealizou, em vez de um grande castelo, impossível na região, no século XVI, uma fortaleza. No segundo ato, há um bambuzal, a gruta do selvagem e a caserna dos aventureiros. As mudanças de cenários deverão ser feitas à vista do público. O terceiro e o quarto atos estão ligados (a

### Dois ‘Peri’: Mettre e Maresca. Já Leila e Lauricy são ‘Ceci’

taba dos Aimorés e o porão que explode) no clímax da ação dramática.

Aluno de Francisco Mignone e de Eleazar de Carvalho, Roberto Ricardo Duarte iniciou brilhante carreira nacional quando ganhou o segundo prêmio do Concurso Villalobos de Regência, em 1975. Os instrumentos das suas práticas, no Rio, são a Orquestra da Escola de Música da UFRJ e a Orquestra de Câmara de Niterói. Para dirigir programas especiais de música brasileira, ele já fez duas viagens à Europa, onde atuou, inclusive, à frente da Philharmonia Hungarica. A sua primeira experiência no gênero lírico no Teatro Municipal, aconteceu na últi-

ma produção do “Trovador”, de Verdi, ano passado.

Silvio Barbato, escalado também como regente, estudou na Escola da UFRJ, em Brasília, com Cláudio Santoro, e na Itália, com Romano Gandolfi. Trabalhou na Academia Santa Cecília, de Roma, e no Rio, em 1985, como diretor assistente, nos ensaios da “Tosca”. Foi anunciado, nas mesmas condições, na versão do Réquiem de Verdi, sob a regência de Antonio Tauriello, mas não chegou a ter a oportunidade de dirigir.

Dois elencos alternam-se, diariamente, nas seis récitas, nos papéis de “Peri” (Benito Maresca, que iniciou a sua carreira na Europa, cantando o mesmo papel, em Palermo, e Raimundo Mettre, antigo aluno da Escola Superior de Berlim e com experiência européia desde 1970); “Ceci” (Leila Guimarães, que conquistou em 1981 um lugar na corte de Pavarotti, em Filadélfia) e Lauricy Prochet, formada pelo professor Maximiliano Hellmann e credenciada por títulos obtidos em concursos nacionais; “González” (Henrique Travassos e Paulo Fortes); “Cacique” (Wladimir de Kannel, o cantor de maior prestígio dos dois elencos, e Wilson Carrara); e “Dom Antonio” (Alexandre Trik e Zwinglio Faustini).

ANTÔNIO HERNANDEZ

HERNANDEZ, Antonio. O simbolismo do 'Guarani', uma comemoração: primeira categoria mundial. O Globo, Rio de Janeiro, 12 mar. 1986.

Biblioteca Centro de Memoria - Unicamp



CMUHE010033

## Primeira categoria mundial

As prioridades na abordagem, assim, foram as aspirações de níveis de decência artística condignos, o tratamento das colunas que sustentam a obra e que estão na partitura, com o maior carinho pelo valor internacional da ópera, que perdura até hoje. É a tentativa de recolocar o "Guarani" nas altas posições que lhe foram atribuídas pelos italianos, a partir de 1870.

Também no Brasil, sobretudo na primeira metade do século, "O guarani" teve tratamentos de primeira categoria mundial. Há arcos ainda, nas estantes da Orquestra do Teatro Municipal, que lembram versões históricas da obra, sob a regência de Tulio Seraphin, com Mário del Monaco, no papel de "Peri", ao lado de Maria Sá Earp e do baixo Rossi-Lemeni. Estávamos em 1949.

Nas últimas décadas, porém, as representações das obras de Carlos Gomes tornaram-se raridades na Europa e no Brasil,

com a decadência na cultura do gênero operístico, devida principalmente à falta de recursos econômicos, mas também de autoridades competentes na direção musical e teatral. A "caridade" do fogo devemos a inexistência dos cenários das últimas representações (o incêndio destruiu o material) e o apelo a um artista como Gianni Ratto para que fossem praticamente, "improvisadas" as soluções cênicas anunciadas para hoje, com a colaboração da Central de Inhaúma que, sempre chefiada por Tatiana Memória, trabalhou — segundo o régisseur e cenarista — com grande sensibilidade.

Em termos de movimentação teatral, Gianni Ratto diz que, depois de estudar detalhadamente a partitura, resolveu subordinar tudo às responsabilidades dos cantores, nas árias, duetos, tercetos e concertatos, que são os momentos mais belos e mais difíceis de execução.